

SARCASMO, PÓS-MODERNIDADE E HUMOR

Fabiana Julio Ferreira

Orientadora: Solange Vereza

Doutoranda

RESUMO: Este trabalho se insere em uma pesquisa maior que foca na análise do sarcasmo verbal, sob a ótica da Linguística Cognitiva, tendo como corpus as interações existentes no seriado americano *House MD*, em que o personagem principal é considerado um arquétipo do sarcástico comum. Neste recorte, foram selecionados dois aspectos específicos do fenômeno estudado: a pós-modernidade e o humor. O sarcasmo tem sido um fenômeno linguístico-discursivo em voga e considerado, por muitos, como tendo um valor especial. Considerando que a língua não se faz sem sociedade, fez-se necessário uma discussão da era pós-moderna em que estamos inseridos para explicar a popularidade do fenômeno e a natureza de seu uso. Para tanto, investigamos os estudos de Bauman (1998), Haiman (1998), Viera & Stegnel (2012) e Hall (2003). Por outro lado, tendo sua investigação iniciada, mais sistematicamente, com os estudos da pragmática e, em seguida, desenvolvida pela Linguística Cognitiva, o sarcasmo tem sido abordado a partir da perspectiva do humor, como argumentado em Toplak & Katz (2000), Attardo & Poggio et al (2003) e Keith-Spiegel apud Carlsburg (2007). O humor sarcástico é, assim, uma das características da pós-modernidade e, para a tentativa de compreensão do fenômeno, este estudo abordará algumas das teorias de humor desenvolvidas dentro da Linguística Cognitiva, considerando as visões de Attardo e Raskins (1991).

PALAVRAS-CHAVE: sarcasmo, ironia, pós-modernidade, humor.

Sarcasmo e a Pós-Modernidade

Introdução

Ainda que seja comumente citado em literatura ou mencionado como algo de fácil reconhecimento, a dificuldade de um consenso efetivo sobre as características do sarcasmo demonstra que seus aspectos não são tão óbvios quanto parecem.

A popularidade desse fenômeno linguístico se faz notável em vários momentos: nas redes sociais, em comunidades (brasileiras, americanas, de países de língua espanhola, dentre outros) voltadas unicamente para que seus membros possam desenvolver suas veias “sarcásticas”; na TV, em que personagens como o doutor Gregory House, vivido pelo ator Hugh Laurie, conseguiram um legado de fãs dentro e fora dos EUA e que exibem verdadeira adoração por suas tão sempre expostas ideias mordazes que mereceram, inclusive, um aplicativo (Sarcasmo do Dr House. Disponível em: <<http://www.allthelikes.com/application.php?app=159833>>), além de ser encontrado em outros meios de comunicação. A apreciação do sarcasmo, seja ele usado para humor ou drama, é uma característica, talvez até almejada, da sociedade pós-moderna (HAIMAN, 1998). Tendo isso em vista, a análise dos aspectos que caracterizam a sociedade em questão pode servir para facilitar apreender como e porquê o sarcasmo vem sendo usado no mundo pós-moderno, além de contribuir para a melhor compreensão desse fenômeno linguístico.

A Pós-Modernidade

Definir a pós-modernidade atualmente é uma tarefa árdua, considerando que ainda é um conceito em construção, fruto de insistentes controvérsias. Entretanto, pode-se ter uma ideia do que se trata comparada com o período vivido anteriormente: a modernidade.

O indivíduo moderno vivia em uma sociedade que lhe parecia estável e de aspecto duradouro (VIEIRA & STEGNEL, 2012). Ele buscava a ordem e tentava conciliar a satisfação das necessidades individuais com as do coletivo. O Estado era um “marco de ordenação para a vida individual” (CHAVES *apud* VIEIRA e STEGNEL, 2012) e a construção da identidade era uma de suas características (BAUMAN, 1998).

Com a pós-modernidade, o indivíduo se deparou com uma maior liberdade e individualidade, sendo a última diferente da existente na era moderna, já que se sobrepõe às necessidades do coletivo. Além disso, esse indivíduo se encontra em uma desordem, ou uma nova ordem, e busca constantemente o prazer (VIEIRA & STEGNEL, 2012).

Em um primeiro olhar, o indivíduo pós-moderno parece estar em vantagem com relação ao moderno. Entretanto, tamanha “liberdade” e “individualidade” acabaram

por ser prejudiciais, gerando uma teia de insegurança que se tornou característica do pós-modernismo (BAUMAN, 1998). As identidades se tornaram “descentradas”, deslocadas ou fragmentadas (HALL, 2003), gerando o que Bauman (2000) vem chamar de “liquidez” do homem pós-moderno. Segundo o filósofo, essa seria uma metáfora simples para a instabilidade social em que vivemos:

Nosso arranjo social, nos dias de hoje, se comporta como um líquido em um recipiente. Ou seja, não se mantém por muito tempo em um mesmo estado. Está sempre mudando. Enquanto gerações passadas se acostumaram a uma estabilidade de todas as coisas, o homem contemporâneo enxerga as rápidas mudanças nos partidos e movimentos políticos, nas causas, nas instituições que acabam, na moda, tudo muda várias vezes. Tenho 88 anos e já vi vários arranjos sociais. (BAUMAN, 2013 entrevista disponível em: <<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/coberturas/2013/11/a-vida-pos-moderna-segundozygmunt-bauman/>>)

O indivíduo pós-moderno acabou por perder a esperança no Estado. Essa perda junto à sensação de que “há pouca coisa, no mundo, que se possa considerar sólida e digna de confiança” (BAUMAN, 1998, p. 36) contribuiu para o surgimento do grande mal-estar do homem atual.

A característica recente mais marcante e que contribui para a disseminação do sarcasmo é a constante busca de algo novo (HAIMAN, 1998). Entretanto, de acordo com o linguista, o indivíduo atual encontra extrema dificuldade em satisfazer essa sua necessidade, pois considera que “a atitude da pós-modernidade é que não existem coisas novas, nem mesmo a pós-modernidade em si” (HAIMAN, 1998, p.14). Esse pensamento se reflete nas atitudes do homem dessa era, inclusive na linguagem, e explica uma das facetas do uso do sarcasmo como usado nos dias de hoje: a questão da originalidade, que será tratada a seguir.

O Sarcasmo e a Originalidade

Em seu livro *Talk is cheap* (1998), Haiman chama a atenção do leitor para a importância atualmente dada à questão da busca do novo. Em um estudo minucioso, o autor mostra a surpreendentemente constante tentativa do homem em evitar se tornar repetitivo, a necessidade de se tornar especial, único, original. Tal necessidade tomou mais força com o indivíduo pós-moderno, sendo definida por Haiman como segue:

Eu tenho a dolorosa consciência de estar meramente repetindo as falas de outra pessoa, fazendo um papel. Se eu vivo nesse tipo de mundo, então possivelmente a única forma que tenho disponível para expressar minha superioridade aos *clichés* que me encontro constantemente repetindo de forma tediosa, para ser *cool*, é repeti-las em forma de paródia, ou seja, sarcasticamente. (HAIMAN, 1998, p. 15)

Com a citação acima, Haiman (1998) consegue explicar em parte o fascínio que um dos aspectos do sarcasmo exerce sobre o indivíduo na pós-modernidade. Acompanhando a insegurança e vazio de hoje, o falante ocidental também carrega o fardo do medo do uso de *clichés*. Não há direito de repetição perante os demais, o que cria a obrigação de tornar claro que se é consciente de que o que é dito não é novo. Haiman (1998) chama esse fenômeno de *ansiedade de influência*, onde o indivíduo vive usando citações “entre aspas”, literalmente fazendo o movimento com dois dedos de cada mão como que indicando as palavras que serão citadas. Um dos exemplos dados pelo autor é o de um homem que ao final do dia de trabalho diz aos colegas que vai para casa com um sorriso irônico (fazendo o movimento de aspas com as mãos) para encontrar “a patroa e as crianças”. Segundo Haiman (1998), ele quer que seus colegas tenham plena consciência de que ele sabe que a expressão “patroa e as crianças” é corriqueira, demonstrando a consciência da própria falta de originalidade (p.15,16).

Sarcasmo e Humor

Levando em conta a necessidade de originalidade pós-moderna e a *ansiedade de influência* de Haiman (1998), embora não seja um fenômeno recente, o sarcasmo foi tomando conta cada vez mais da sociedade atual. Ao longo dos anos, considerando os estudos feitos sobre o tema, foi percebido o efeito cômico que, por vezes, acompanha esse fenômeno linguístico. Tal efeito foi responsável pela ponderação de sarcasmo como uma forma de humor.

Alguns teóricos tentam explicar o sarcasmo através de teorias do humor (KEITH-SPIEGEL *apud* CARTSBURG, 2007) e uma breve pesquisa sobre a palavra “sarcasmo” dentre pesquisadores não deixa dúvidas quanto ao seu potencial jocoso, já que algumas dessas definições ressaltam que o sarcasmo tem um aspecto de “implicância e brincadeira” (GIBBS, 2000), é percebido como algo “insincero, humorado, mal-educado, não educativo e que traz uma mensagem nada clara”

(TOPLAK & KATZ, 2000, p. 1494), e ainda, segundo Attardo & Poggio (2003), simplesmente faz humor. Essas definições demonstram que, apesar de sua natureza debochada, crítica e, por vezes, ofensiva, esses mesmos adjetivos são responsáveis por seu caráter humorado, por seu potencial para causar risadas. É interessante, portanto, perpassarmos por teorias de humor que conseguem explicar um resultado positivo, de acordo com o senso comum, a partir de uma atitude negativa.

As Teorias de Humor

Durante a realização deste estudo, a quantidade de teorias que tentam explicar o humor foi menor do que previa esta pesquisadora. Entretanto, antes de um maior aprofundamento, especialmente no ramo da cognição, é de suma importância a menção das três consideradas principais, e precursoras, teorias do humor. São elas: *the Incongruity Theory* (teoria da incongruidade), *the Superiority Theory* (a teoria da superioridade) e *the Release Theory* (a teoria do alívio).

The Incongruity Theory

É importante mencionar que essas teorias foram elaboradas ao longo de vários anos juntando trabalhos de pesquisadores variados e que, por fim, acabaram por conseguir definir o que era antes indefinível. A designação inicial da primeira teoria mencionada acima (*the Incongruity Theory*) foi feita por Immanuel Kant (1790) em seu livro *Crítica do julgamento*. De acordo com o filósofo:

Em tudo que serve para excitar uma risada animada daquelas de se contorcer, deve haver algo de absurdo (no qual o entendimento, então, pode encontrar satisfação). A risada é uma afetação que vem da súbita transformação de uma expectativa tensa em nada. (1970, p. 133)

O humor explicado por Kant (1790) se refere à ideia da graça surgida quando o ouvinte espera o desenvolvimento de uma determinada situação e a “piada” leva à obra, inesperada pelo interlocutor. Nos termos da Linguística Cognitiva, a ideia é que o interlocutor é levado através da linha de narrativa do falante a considerar o *frame* que seria o mais óbvio, entretanto, ao longo da história, o interlocutor mostra que, na verdade, se referia a um outro *frame*, um não tão óbvio assim. Essa adaptação de *frames*

feita pelo interlocutor, que mais a frente definiremos como ocorrendo devido a um elaborado processo cognitivo, causa inicialmente a surpresa, gerando o humor. Essa ideia é corroborada por Keith-Spiegel em 1972, que disse que “de pares desarticulados e inadequados de ideias ou situações ou apresentações de ideias ou situações que divergem dos costumes habituais” (1972, p. 7), além de Krikmann (2006), que explica que a piada tem a possibilidade de *frames* diferentes, mas o interlocutor vai considerar o mais “lugar-comum”. Já que, no entanto, o *frame* assumido pelo interlocutor não é o mesmo da piada, ocorrerá um choque na interpretação, que só poderá ser superado através de um processo cognitivo de reinterpretação do *frame*, o que acaba por gerar “surpresa, satisfação e risadas” (KRIKMANN, 2006).

Essa interpretação da teoria de Kant (1790) foi corroborada por Monro (1951) quando dizia que o ouvinte está preparando para um determinado desenvolvimento da história e Schopenhauer (1957) também se manifestou quanto à teoria mencionando que uma narrativa pode se referir a dois objetos, mas o humor é apreendido quanto o interlocutor percebe que o conceito principal da “piada” se aplica a apenas um desses objetos (*frames*) (1957, p. 76).

Bergson (1911, p. 96) fala da capacidade de interpretação de dois significados diferentes ao mesmo tempo, enquanto Koestler (1964) já começa a usar o termo cognitivo ao definir a incongruência do humor como uma “bissociação” de dois *frames* diferentes.

Todos esses autores corroboram a mesma ideia que é a base da *Incongruity theory* umas das três principais até os dias de hoje. A seguir, voltaremos nossa atenção para uma outra teoria de grande importância no desenvolvimento dos estudos do humor.

The Relief Theory (Repression Theory)

Essa teoria, melhor traduzida como a Teoria do Alívio (ou da Repressão), tem suas raízes em terras mais psicológicas e psicanalíticas. O autor mais importante na compreensão desse estudo é, nada mais, nada menos, que Freud. O psicanalista via uma grande relação entre piadas e sonhos, alegando que as técnicas ocorridas são as mesmas, sendo elas: condensação e deslocamento. A primeira se refere à capacidade de se juntar vários temas em um sonho; a segunda se refere à capacidade de se dar grande importância a tópicos de mínimo valor e vice-versa (1991). Freud ainda faz diferença

entre piadas, o cômico e o humor. Entretanto, o que todas elas tem em comum é, embora liberem energia nervosa, economizam um tipo de energia psíquica, seja ela física, de inibição ou repressão.

O psicanalista ainda considera o humor uma forma positiva de criticar alguém, sendo menos agressivo do que um confronto propriamente dito e causando alívio ao humorista. Segundo Freud, o humor converte a hostilidade traduzindo-a de forma mais gentil. (COSER, 1960).

Não é apenas Freud que desenvolveu estudos sobre essa teoria, embora tenha sido o mais famoso. Spencer (1977) acredita no “alívio” da teoria como sendo uma válvula de escape de energia nervosa e Lorenz (1996) já defende que, para haver o alívio, há, inicialmente, a criação e crescimento de uma tensão que é, depois, descarregada, aliviada. Embora ainda haja outros estudiosos da teoria, a que ainda faz mais sucesso é a Freudiana.

Com o final desta sessão, definimos as três mais importantes teorias de humor em voga durante bastante tempo. A sessão seguinte será dedicada ao estudo, detalhamento e definição das teorias de humor da Linguística cognitiva e na sessão x faremos a correlação entre as teorias visitadas e o foco de estudo deste trabalho: o sarcasmo.

The Superiority Theory

Essa teoria teve seu início com Thomas Hobbes em seu livro *Leviathan* em 1691, um livro considerado hoje uma teoria de contrato social da época. Em uma especulação sobre a sensação de glória, Hobbes (1691) tenta explicar os mecanismos físicos e psicológicos que tornam uma “risada” possível. O autor defendia que algo agrada o locutor como a risada que vem após uma vitória, sendo essa expressada com “bared teeth, grunts, grimaces and shoulder convulsions” (p. 42-43) (dentes à mostra, grunhidos, caretas e convulsões dos ombros). As alusões feitas por Hobbes (1691) são em sua grande parte referentes a situações mais instintivas do ser humano, por vezes remetendo a batalhas e guerras. Considerando a antiguidade dos exemplos, é intrigante perceber há quanto tempo o humor vem causando interesse à sociedade e também como, a partir dali, outros ramos brotaram de uma teoria datada do século XVII.

A vitória e a sensação de glória súbita sentida pelos vencedores, levavam os homens às risadas. Tal comportamento era definido por Hobbes (1961) da seguinte forma:

A glória súbita é a paixão que torna aquelas caretas chamadas de risadas; e é causada ou por um ato próprio repentino que os agrada; ou pela apreensão de uma coisa deformada em outra, por comparação em que, de repente, aplaudem a si mesmos. E é incidente para a maioria deles, que estão conscientes das mínimas habilidades; que são forçados a se manterem a seu próprio favor, observando as imperfeições de outros homens. (p. 36)

Segundo Bergson (1911), o humor vindo da Teoria de Superioridade é sempre às custas de alguém e pode ser aplicada como um tipo de corretivo comportamental devido ao medo que inspira (1911, p. 20), ou seja, começamos aqui a ver os ensejos da ideia da agressividade por trás dessa teoria.

Lorenz (1996) vai redefinir a palavra “glória” usada por Hobbes (1961) como “superioridade”. Daí se entende, ou talvez seja mais compreensível no mundo atual ocidental, a sensação de “glória” como sendo engraçada por diminuir o outro em uma atitude “eu sou melhor que você”. Lorenz (1996) vai além e associa ao humor da vitória também o alívio (ponto que será detalhado mais à frente) pela eliminação da tensão anterior à batalha e garante que o humor tem suas origens em comportamentos agressivos.

Não são poucos os autores que associam a teoria da superioridade à agressão. Tendo em vista que essa teoria é uma das mais próximas do sarcasmo, esse ponto será retomado no capítulo x mais detalhadamente.

A teoria da superioridade é baseada na supremacia do falante que, ao diminuir alguém de um grupo (a vítima) através do uso do sarcasmo tem como sutil intenção criticar, ridicularizar ou hostilizar a vítima a partir da crença em sua própria superioridade. De acordo com Keith-Spiegel (1972, p.6), “nós nos comparamos de forma favorável a nós mesmos, como sendo menos estúpidos, menos feios, menos azarados ou menos fracos”. Essa comparação e discrepância acaba por gerar entretenimento.

Raskin e *Script-Based Semantic Theory Of Humour* (SSTH)

Ao longo dos anos, várias foram as teorias que tentaram explicar o humor em diversas áreas diferentes. Entretanto, o primeiro pesquisador a se referir ao humor como tendo uma base linguística foi Raskin em 1985. Em sua obra, Raskin (1985) desenvolve o que receberia o nome de *Script-based Semantic Theory of Humour* ou SSTH. Dentro dessa visão, Raskin (1985) aborda a questão de *scripts*, definida por ele como sendo “uma estrutura cognitiva internalizada apenas por sua definição lexical”. A ideia de *script* de Raskin (1985) pode ser compreendida como o conceito de *frame* definido por Fillmore em *Frame Semantics* (1982), como afirma Barreto (2013). Sua teoria, no entanto, se preocupava especificamente com a incongruência linguística existente no humor, ou seja, uma vertente de *The Incongruity Theory*.

Raskin, de origem russa, dava aula na Universidade de Purdue no Estados Unidos da América, e foi lá que conheceu Salvatore Attardo, estudante belga que acabou por ser seu orientando no programa de doutorado, defendendo a tese: *From Linguistic to Humour Research and Back: Applications of Linguistics to Humour and Their Implications for Linguistic Theory and Methodology* (Ida e Volta da Linguística à Pesquisa de Humor: Aplicações da Linguística ao Humor e suas Implicações para a Teoria Linguística e Metodologia).

A partir desse encontro, novas teorias começaram a surgir, como poderemos ver em seguida.

Raskin e Attardo: *The General Theory Of Verbal Humour* (Gtvh)

Continuando um trabalho em conjunto, Raskin e Attardo repensaram a teoria de Humor (SSTH) considerando os estudos defendidos por trabalhos anteriores de Attardo, que acredita que a apreensão da ironia verbal, como ele chama, é apenas possível através de uma complexa atividade cognitiva. O trabalho publicado resultante dessa pesquisa se chama: “Script Theory revis(it)ed: joke similarity and joke representation model” (1991) (A teoria do script revisitada: similaridades de piada e modelos de representação de piada). A pesquisa de Attardo que foi integrada a esse artigo foram suas representações de modelos de piadas com cinco níveis que serviam para “analisar os níveis de similaridades ou diferenças entre elas” (Krikmann, 2006), eles eram chamados de Recursos de Conhecimento (Knowledge Resources), ou KR.

Conclusão

Este trabalho teve como objetivo, primeiramente, buscar uma explicação para o grande uso do sarcasmo nos dias atuais, que envolvem mudanças no comportamento do indivíduo desde a Modernidade até a Pós-Modernidade, baseando-se nos estudos de Bauman, Hall e Haiman, dentre outros. Em seguida, buscamos mostrar a forte conexão do fenômeno linguístico com o humor, demonstrando, inclusive, vários autores que defendem ser o sarcasmo uma forma de humor e por isso deve ser tratado como tal.

Citamos as teorias de humor mais comuns que tem ligação com o sarcasmo. São elas: *The Incongruity Theory*, *The Relief Theory* e *The superiority Theory*. Através da análise destas teorias, podemos compreender o homem sarcástico e pós-moderno. Cada uma dessas teorias apresenta uma contribuição importante para nós, pesquisadores.

Por fim, mencionamos Victor Raskin e Salvatore Attardo, dois pesquisadores que defendem o fundo cognitivo da compreensão do humor. Por ser parte de um trabalho maior, apenas descrevemos de forma simples as teorias que eles desenvolveram, buscando, futuramente, debruçarmos em suas análises para podermos explicar o sarcasmo como parte das teorias de humor. Com a ajuda da pragmática, pretendemos mostrar a forte ligação que o sarcasmo tem com a linguística cognitiva e como ele opera.

REFERÊNCIAS

BERGSON, H. *Laughter: An Essay On The Meaning Of The Comic*. New York: Macmillan, 1911.

BARRETO, K. H. *O humor e a semântica de Frames*. Revista Gatilho, v. 05, UFJF, 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2013/05/O-Humor-e-a-Sem%C3%A2ntica-de-Frames1.pdf> Acesso em: 12/08/2017

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. 1 ed. Trad. Jorge Zahar Editor LTDA. Rio de Janeiro: Polity Press, Inglaterra, 1997.

_____. *Z. Modernidade líquida*. Trad. Jorge Zahar Editor LTDA. Rio de Janeiro: Polity Press, Inglaterra, 2000.

_____. A vida pós-moderna segundo Zygmunt Bauman: entrevista. [Nov, 2013] Entrevista concedida a Sílio Bocanera. Disponível em:

<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/coberturas/2013/11/a-vida-pos-moderna-segundozygmunt-bauman/> Acesso em: 10/02/2014

CARTSBURG, J. *Sarcasm – what is that? Finding a definition*. Druck und Bindung: Books on Demand GmbH, Norderstedt Germany, 2007.

COSER, R.L. *Laughter Among Colleagues: A Study Of The Social Functions Of Humour Among The Staff Of A Mental Hospital*. *Psychiatry* 23: 81-95, 1990

FILLMORE, C. J. *Frame semantics*. In the linguistic society of Korea. Eds Linguistics in the morning calm. Seoul: Hanshin, 111-37, 1982.

FREUD, S. *Jokes And Their Relation To The Unconscious*. Harmondsworth: Penguin, 1991.

GIBBS, R. *Irony in talk among friends* in *Metaphor and Symbol*, 15, 5-27, 2000.

HAIMAN, J. *Talk is cheap*. Oxford University Press, New York, 1998

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. , 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOBBS, T. *Leviatã*. Edipro, São Paulo, 1961.

KANT, I. *Critique of Judgment*. Trad. H. Bernard, New York: Hafner Publishing, 1790.

KOESTLER, A. *The Act of Creation*. London: Hutchinson, 1964.

KRIKMANN, A. *Contemporary linguistics theories of humor*. *Follere*, 33, 27-57, 2006.

LORENZ, K. *On Aggression*. London: Routledge, 1996.

MONRO, D. H. *Theories of Humor*. *Writing and Reading Across the Curriculum*. 3 ed. Laurence Behrens and Leonard J. Rosen, eds. Glenview, IL: Scott, Foresman and Company, 349-55, 1998

RASKIN, V. *Semantic theories of humor*. D. Reidel Publishing Company, USA, 1985.

SALVATORE, A. & RASKIN, V. *Script Theory Revis(it)ed: Joke similarity and joke representation model*. *HUMOR: International Journal of Humor Research*, 4:3/4, pp. 347–411, 1991.

SALVATORE, A. & POGGI, H.J at al. *Multimodal markers of irony and sarcasm*. *Humor*: vol. 16, ed. 2, Walter De Gruyter & Co, 2003.

SCHOPENHAUER, A. *The World As Will and Representation*. 3 vols. 1818.re print, London: Routledge & Kegan Paul, 1957.

SPENCER, H. *On The Physiology Of Laughter*. In Spencer, Herbert (1977) *Essays On Education And Kindred Subjects*. New York: AMS Press, 1977

TOPLAK, M. & KATZ, Albert. *On the uses of sarcastic theory*. *Journal of Pragmatics* 32,: 1467-1488, 2000.

VIEIRA, E. D. & STEGNET, M. *Individualismo, liberdade e insegurança na Pós-modernidade*. In: *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 2012. Disponível em: . Acesso em: 08/02/2014.